

RESENHA

Repensando o Conhecimento: por uma análise interdisciplinar da obra de Peter Burke

Repensando el Conocimiento: por un análisis interdisciplinario de la obra de Peter Burke

Rethinking Knowledge: through an interdisciplinary analysis of the work of Peter Burke

Arthur Saldanha dos Santos¹

Resumo

Os trabalhos que Peter Burke vem desenvolvendo, no que tange a produção e reprodução de ciência no mundo acadêmico, são de fundamental importância para o atual contexto em que se fala constantemente de interdisciplinaridade e processos distintos de entender o mundo e suas relações. O conhecimento dessa forma deve transcender os espaços tidos como periféricos – distantes das discussões “mais globais” e, atingir patamares mais díspares, dinâmicos, amplos e contextualizados. Esta resenha tem por objetivo retratar as perspectivas de Burke inseridas em um contexto de diálogos diversos de saberes e produções de conhecimentos como processos sociais da humanidade.

Palavras-Chave: Conhecimento; Ensino; Interdisciplinaridade.

Resumen

Los trabajos que Peter Burke viene desarrollando, en lo que se refiere a la producción y reproducción de ciencia en el mundo académico, son de fundamental importancia para el actual contexto en que se habla constantemente de interdisciplinariedad y procesos distintos de entender el mundo y sus relaciones. El conocimiento de esta forma debe trascender los espacios tenidos como periféricos - distantes de las discusiones "más globales" y, alcanzar niveles más dispares, dinámicos, amplios y contextualizados. Esta reseña tiene por objetivo retratar las perspectivas de Burke insertadas en un contexto de diálogos diversos de saberes y producciones de conocimientos como procesos sociales de la humanidad.

Palabras claves: Conocimiento; Enseñanza; Interdisciplinariedad.

Abstract

The work that Peter Burke has been developing with regard to the production and reproduction of science in the academic world are of fundamental importance to the current context in which we are constantly talking about interdisciplinarity and different processes of understanding the world and its relations. Knowledge in this way must transcend the spaces considered as peripheral - far from the "more global" discussions, and reach more disparate, dynamic, broad and contextualized levels. This review aims to portray the perspectives of Burke inserted in a context of diverse dialogues of knowledge and knowledge production as social processes of humanity.

Keywords: Knowledge; Teaching; Interdisciplinarity.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento:** de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, 241 páginas.

¹ Mestrando em “Sociedade, Ambiente e Território” pela Associação entre a Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e a Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. E-mail: arthur-ufvjm@hotmail.com.

1. Introdução

A singularidade da obra de Peter Burke está na caminhada histórica dos avanços da ciência enquanto processo social de construção do conhecimento. Entender como a ciência se faz ciência e como ela é dissipada entre as sociedades é necessário, a fim de alcançar a integração grupal, por meio do saber. Se partirmos da compreensão básica que produzimos e reproduzimos textos, conhecimentos, falas, etc., a partir de noções prévias, perceber-se-á a singularidade social presente no conhecimento.

Partindo desse constructo social, é notório que vivenciamos um contexto que exige diálogos entre as diversas facetas da ciência ou do conhecimento, propriamente dito. A Universidade é vista desde tempos remotos como a unidade de promoção do conhecimento, e lhe é atribuída atualmente, o compromisso de integração e dissipação das distintas ciências. Portanto, os acadêmicos são treinados para dialogarem entre si e com o próximo e construir seus próprios conhecimentos.

O processo de interdisciplinaridade nos cursos superiores é um desafio a ser encarado e enfrentado no âmbito educacional, como meio de se alcançar a democracia não apenas no ensino, mas na sociedade, reconhecendo a relação entre escola e sociedade. A interdisciplinaridade possibilita a construção de pensadores com visões amplas, que se apropriam de vários elementos, de várias áreas, de forma a compreender e atuar social e academicamente em perspectiva macro e contextualizada. O processo de interdisciplinaridade reconhece a importância das diferentes áreas de conhecimento para uma construção intelectual do próprio conhecimento (SALDANHA & SILVA, 2017, p. 15).

Com uma linguagem didática, Burke constrói seu conhecimento no livro, que vai da invenção da prensa tipográfica por Gutenberg em 1450, e, avança até o século XVIII (1772), com a criação da Enciclopédia moderna, editada por Jean le Rond d’Alembert e Denis Diderot. Ao longo do desenvolvimento e dissipação do conhecimento na sociedade, estratégias interdisciplinares foram traçadas, como por exemplo, com a própria criação da Enciclopédia, em que Alembert era físico e matemático, e, Diderot era filósofo e escritor. Os saberes dos distintos franceses se unificaram em um ponto comum, sem perder de vista as especificidades dos seus conhecimentos.

2. O surgimento da sociologia do conhecimento enquanto construção coletiva

Para Burke, a sociologia do conhecimento representa o ponto de partida para a integração social dos saberes – representada na pluralidade de conhecimentos. Em princípio, o conhecimento era centralizado e elitizado, contudo, era pluralizado nas representações e camadas sociais.

[...] Os intelectuais são os detentores de certos tipos de conhecimento, mas outros campos de especialização ou Know-how são cultivados por grupos como burocratas, artesãos, camponeses, parteiras e curandeiros. Esses campos de conhecimento implícito atraíram recentemente alguma atenção dos historiadores, especialmente no contexto do imperialismo e da contribuição dos habitantes nativos para conhecimentos que os governantes, cartógrafos e médicos europeus proclamavam como seus (BURKE, 2003, p. 21-22).

Percebe-se nesse contexto a clara distinção entre os saberes das elites e os estudos de culturas populares, das camadas mais pobres. Essa separação inviabilizava o acesso ao conhecimento mais avançado que era produzido pela elite, detentora do saber “científico” às sociedades inferiores, que tinham como função sustentar os letrados que se dedicavam ao ofício do saber. Os conhecimentos mais específicos, como aprendizados os médicos das curandeiras ou parteiras, eram apropriados pelos médicos, que detinham formalmente a arte do saber. Outra

classe que se ocupava da arte de produzir e reproduzir a ciência era a igreja, detentora do saber, da fé e da razão.

O conhecimento nesse aspecto assume nova posição, segundo Burke. Além dos mosteiros e universidades, leigos e religiosos passaram a se dedicar ao conhecimento enquanto unidade de diferenciação social e modo de vida. A partir de tais peculiaridades, esses detentores do saber se tornaram figuras de suma importância para as sociedades. O valor atribuído ao letrado passa a compor a centralização política – que fazia uso das propriedades intelectuais em troca de favores e rendas. Nesse contexto pode-se falar de redes de dissipação e centralização de conhecimentos entre os eruditos, e, tidos como essenciais e cada vez mais úteis para a máquina pública.

Já no terceiro capítulo, o autor nos apresenta o início da quebra da privatização do conhecimento centrado nas elites. Dada à importância para o “ser” letrado, as disputas e domínios dos saberes se tornaram mais visíveis. A universidade medieval se torna então a transmissora do conhecimento. Com o Renascimento, a Revolução Científica e o Iluminismo, os intelectuais disputavam seus domínios não só dentro das universidades, mas além delas. O conhecimento, portanto, passa a não mais existir entre muros e ser separado da sociedade, mas sim, integrá-la e questioná-la constantemente sobre os processos existenciais e dinâmicos. Por isso a atribuição ao capítulo, de “consolidação do conhecimento”, embora este processo vá sofrer transformações ao longo dos anos, como é possível notar na sequência da leitura de seu livro.

2.1. Do estabelecimento do conhecimento enquanto unidade interdisciplinar local, à retomada da distinção das ciências: a metamorfose do saber tradicional

Como vimos, os conhecimentos quebraram as barreiras entre os núcleos de saberes, como as universidades e atingiram as demais sociedades locais. Contudo, no capítulo quatro, Burke procura analisar geograficamente as posições de ações e aplicabilidades dos saberes. As cidades eram tidas como ambientes de relações sociais e trocas de informações distintas entre as pessoas.

Sedes de conhecimento se multiplicavam e se tornavam mais especializadas em cidades relativamente grandes como Veneza, Roma, Paris, Amsterdã e Londres, [...]. Os espaços públicos das cidades facilitavam a interação entre homens de ação e homens de conhecimento, entre nobres e artesãos, entre o trabalho de campo e o gabinete, em suma entre diferentes conhecimentos. As formas de sociabilidade tinham – e ainda têm – influência sobre a distribuição e até mesmo sobre a produção do conhecimento (BURKE, 2003, p. 57).

Por meio da integração social é que se dissipava o conhecimento sobre a humanidade. Contudo, percebe-se nesse período a clara distinção entre o que era produzido na Europa, em caráter de ciência, e o que era elaborado pelo Oriente, por exemplo. Dessa forma, podemos enxergar o conhecimento como uma unidade interdisciplinar, oriunda das integrações sociais, mas geograficamente delimitada ao local (solo europeu). As construções dos saberes eram socialmente construídas, desde que, partissem das percepções, diálogos e representações locais, bem definidas nas posições teóricas defendidas.

Mesmo sendo discutido coletivamente e construído com base em interações sociais, o conhecimento era sistematizado e classificado entre “Currículos, Bibliotecas e Enciclopédias”, que Burke vai chamar de “Antropologia do Conhecimento”.

Essa definição está centrada na representação que o conhecimento assumia para as sociedades ao ser classificado e/ou divididos em categorias. Dar-se á nessa complexidade, a separação das ciências entre o que é mais importante e o que deveria ser “esquecido”. Essa variedade de conhecimento e sua separação estavam ancoradas, no que era certo ou errado, mais

que isso, era a divisão clara entre os conhecimentos teóricos e práticos, dos filósofos e dos empíricos.

Se por um lado a interdisciplinaridade surgia com a “queda dos muros” das universidades e socialização dos conhecimentos, agora se retomam as privatizações dos saberes, calcado nas famosas “caixinhas de conhecimento”. Essa divisão se estende também ao conhecimento público e privado. Classificar o conhecimento serviu como processo de entrada para a ilustração do saber. Na ocasião, a “Árvore do Conhecimento” que Burke apresenta ao leitor era a representação máxima da hierarquização do conhecimento.

Pensar em termos de árvore sugere uma distinção entre o dominante e o subordinado, tronco e galhos. Lúlio e Gilhausen seguiram a metáfora até as raízes e brotos, flores e frutos. A imagem da árvore ilustra um fenômeno central em história cultural, a naturalização do convencional, ou a representação da cultura como se fosse natureza, da invenção como se fosse descoberta. Isso equivale a negar que os grupos sociais sejam responsáveis pelas classificações, assim sustentado a reprodução cultural e resistindo a tentativa de inovação (BURKE, 2003, p. 82).

Esse processo metafórico de classificação do conhecimento é aprofundado por Burke, nas formas de organização dos saberes, sobretudo, nas bibliotecas. A forma de conservação e disponibilidade ao leitor segue padrões temáticos. A classificação é dada em setores de conhecimentos divididos por áreas, como: medicina, filosofia, história, literatura, etc. Esse processo veio a calhar dado o alto número de produções científicas nas distintas áreas, devido à invenção da imprensa.

A sistematização do conhecimento seguia, pois, regras rígidas quando se tratava de acesso intelectual. As bibliotecas representavam o seio cultural mais promissor do momento, já que apresentava ao indivíduo os distintos conhecimentos separados, mas disponíveis em um mesmo espaço. Contudo, conforme aponta Burke no sexto capítulo, a disponibilidade de exemplares para consultas alheias estavam centradas na tutela tanto do Estado, quanto da Igreja. Ambos detinham o domínio da preservação, manutenção e censura dos exemplares. Estes “poderes” perceberam o potencial que teriam as produções em estimular indivíduos a serem “independentes”, questionadores e cautelosos. Dessa forma, seria mais fácil controlar o que era de utilidade pública e o que era segredo de Estado, por exemplo.

O conhecimento nesse processo pode ser visualizado como uma metamorfose, em transformação. Se por um momento o acesso era centralizado, guardado entre paredes, a expansão ocorre, as distintas camadas passam a ter acesso a essa dinâmica. Porém, o retorno à privatização ocorre mais uma vez, a população passa a acessar apenas aquilo que não fere as leis religiosas ou atuações de governabilidade.

2.2. O conhecimento como unidade de comercialização: seria possível pensar em princípios interdisciplinares?

O capítulo sete do livro é dedicado à comercialização precisa do conhecimento. Burke analisa a inserção do conhecimento no mercado e a impressão gráfica. Nesse período, o saber passou a ser tido como propriedade intelectual de quem o produzia, mesmo com todas as problemáticas envolvendo autoridade intelectual na época.

No Renascimento, as disputas sobre plágio eram cada vez mais comuns, a despeito (ou em função) da dificuldade de definir a propriedade intelectual. Os humanistas da época regularmente se acusavam mutuamente de “roubo”, os próprios implicados afirmando que não praticavam senão “imitação” criativa. No século XVII, discussões gerais sobre o assunto apareciam impressas. Escritores e impressores disputavam entre si sobre os direitos de propriedade do texto. Essas disputas têm relação com o ‘individualismo’, a emulação e a autoconsciência discutidos por Jacob Burckhardt em seu famoso livro sobre o Renascimento italiano. Estão ligadas ao surgimento de ideias

de ‘gênio’ e de ‘originalidade’, com a decadência da noção de ‘autoridade’ e o nascimento do ‘autor’. Também revelam mudanças no equilíbrio entre o monopólio e a competição no campo do conhecimento, temas discutidos em meados do século XX por Karl Mannheim e Harold Innis (BURKE, 2003, p. 137).

Esse cenário observado pelo autor é o que vai permanecer até os dias atuais. Discussões acirradas sobre os direitos autorais ainda são travadas nos contextos pós-modernos. Mas o ponto positivo dessa situação está centrado nas constantes trocas de experiências sobre os diversos assuntos no campo acadêmico. Conforme apontado por Burke, o conhecimento passou a ser uma mercadoria e dessa forma, ser detentor do saber, da interação científica era necessário. Quanto mais se conhecia, mais se destacava quando o assunto era ciência. Nesse período surgiram as “obras de referência”, “as enciclopédias se tornaram mais numerosas” e os jornais e revistas ganharam mais destaque e vendiam mais. As primeiras resenhas das obras mais conhecidas se tornaram destaque no período. Foi uma era de transformação no ramo intelectual.

Portanto, dada essas constantes trocas de experiências, atualizações sucessivas e transformações no modo de se pensar além do previamente conhecido, pode-se dizer que se configuraram as noções prévias de interdisciplinaridade, embora muitos autores recusem esse entendimento. Está aí a beleza da produção de Peter Burke – uma percepção que vai além do basicamente produzido. Sua obra é um tanto interdisciplinar quanto seus ensinamentos. Ele externaliza essa observação ao abordar a dinâmica de leitores ou consumidores das produções científicas no capítulo oitavo.

2.3. Da aquisição do saber à autonomia: a construção do próprio conhecimento

Burke dedica um capítulo (8º) para representar a importância que tinha os leitores ou consumidores na era do conhecimento. Não só pela aquisição dos mais diversos exemplares disponíveis, mas sim pela produção do próprio conhecimento a partir de noções previamente estabelecidas. Os parâmetros estabelecidos nas leituras diversas serviam como suporte para que fossem questionadas, afirmadas ou repensadas as posições acadêmicas. Portanto, conhecer sobre diversas áreas era, e ainda é de fundamental importância, para dar suporte às próprias construções de pensamentos intelectuais. Essa busca pelo conhecimento perdeu de vista as fronteiras, se integrou em contextos diversos, integrando diferentes culturas por meio do saber. As trocas de conhecimentos eram a razão das “boas” relações.

Em termos gerais, os europeus educados obtinham seu conhecimento do mundo exterior à Europa de um conjunto relativamente pequeno de livros, conjunto que mudou gradativamente ao longo do período. Em torno de 1600, por exemplo, poder-se-ia, como Montaigne, ler González de Mendoza sobre a China, López de Gómara sobre o México e Jean de Léry sobre o Brasil, complementados pelo relato do jesuíta italiano Matteo Ricci sobre a missão à China e o de seu colega Luis Frois sobre missão semelhante ao Japão. Sobre a África, havia descrições do norte, por Leo, o africano (Hassam Al-Wazzân), mulçumano que fora raptado por piratas e levado para Roma, e do Congo, por Duarte Lopes (disponível em italiano, latim, holandês e inglês). Sobre o Império Otomano, temido por todos, havia uma estante inteira de livros, inclusive o relato de primeira mão da missão feito pelo diplomata flamengo Ogier Ghiselin de Busbecq, disponível em latim, alemão, tcheco, espanhol, francês e inglês (BURKE, 2003, p. 137).

Já no último capítulo do livro, Burke apresenta precisamente as divergências oriundas das mais díspares posições intelectuais referentes a um mesmo assunto. É um capítulo dedicado à confiabilidade do leitor nas obras disponíveis. Para o autor, o refinamento da leitura havia se tornado algo necessário, uma vez que, a produção assumiu posição superior à qualidade e isso colocaria em “cheque” a produção do próprio conhecimento. Muitas questões foram debatidas nesse contexto e a conclusão chegada era sobre qual conhecimento era verdadeiro e confiável.

Essas observações do autor são extremamente necessárias no contexto intelectual que vivemos. A seleção de obras consideradas aceitas, positivas e complementares para a construção da nossa própria percepção é uma obrigação. Pensar no processo de construção do conhecimento enquanto utilidade pública é perceber que foram longas etapas e barreiras vencidas, para se chegar à facilidade de acesso aos saberes que temos hoje. A interdisciplinaridade parte desse pressuposto, em que o conhecimento não é único e centralizado. É uma construção coletiva que também deve ser absorvida de forma coletiva e ampliada, a fim de se ter um posicionamento mais preciso e complementar das percepções que estruturam a humanidade.

Este livro de Peter Burke é uma obra de excelência internacional que deve ser apreendida pelas sociedades. É uma obra bem estruturada, de fácil compreensão e dinâmico, que leva o leitor a viajar no processo de construção coletiva e histórica do conhecimento.

3. Considerações finais

A obra de Peter Burke é um tanto contundente para quem espera amadurecimento acadêmico. Não é por acaso, que seus estudos são direcionados, principalmente, às aulas sobre metodologia. Entender a dinâmica, o desenvolvimento e as perspectivas sobre o conhecimento, é fundamentalmente necessário no contexto atual, sobretudo, quando falamos, dialogamos, construímos e analisamos, constantemente, a interdisciplinaridade ou até mesmo, a transdisciplinaridade na educação.

O surgimento da sociologia do conhecimento deve ser visto como efetivação e solidificação do saber humano. Saber este, que procura compreender as noções construtivas e originárias, bem como, questionadoras, sobre a própria significação da arte de conhecer, mais que isso, suas pluralidades de constituição nas sociedades arcaicas ou modernas – sua consolidação.

Como se percebe, a partir do livro, o conhecimento passa de centralizado e elitizado, para diálogos cada vez mais amplos, democráticos. É por assim dizer, algo incontrollável, dinâmico, que de alguma forma, em algum momento, atinge às distintas sociedades.

Contudo, atrelado a essa dinâmica do saber, responsabilidades se fazem presentes. A transformação do conhecimento em comércio compromete a linha de autoria dos mesmos. Dessa forma, a responsabilidade sobre o que se é produzido, bem como, o que se é copiado tornam-se incidentes nas sociedades humanas – sobretudo, no contexto atual, em que vivenciamos uma transformação tecnológica inimaginável e recheada por possibilidades. É nessa perspectiva que Burke encerra sua obra – levantando as problemáticas sobre a confiança e a desconfiança que circulam o conhecimento nas interações sociais.

Este livro de Peter Burke é muito mais que um elemento de pesquisa. É uma janela para as percepções humanas sobre suas dinâmicas sociais, bem como, veículo de aprendizado para quem se propõe a produzir conhecimentos. É uma obra essencial para as ciências diversas, interdisciplinares ou não, transdisciplinares ou não, é um legado contemporâneo.

Referências

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 241 p.

SALDANHA, Arthur; SILVA, Greiciele Soares da. *Interdisciplinaridade no ensino superior: desafios e diálogos na educação*. RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade. V. 03, nº 01, jan-abr., 2017, p. 05-16.